



DIÁRIOS DE LISBOA

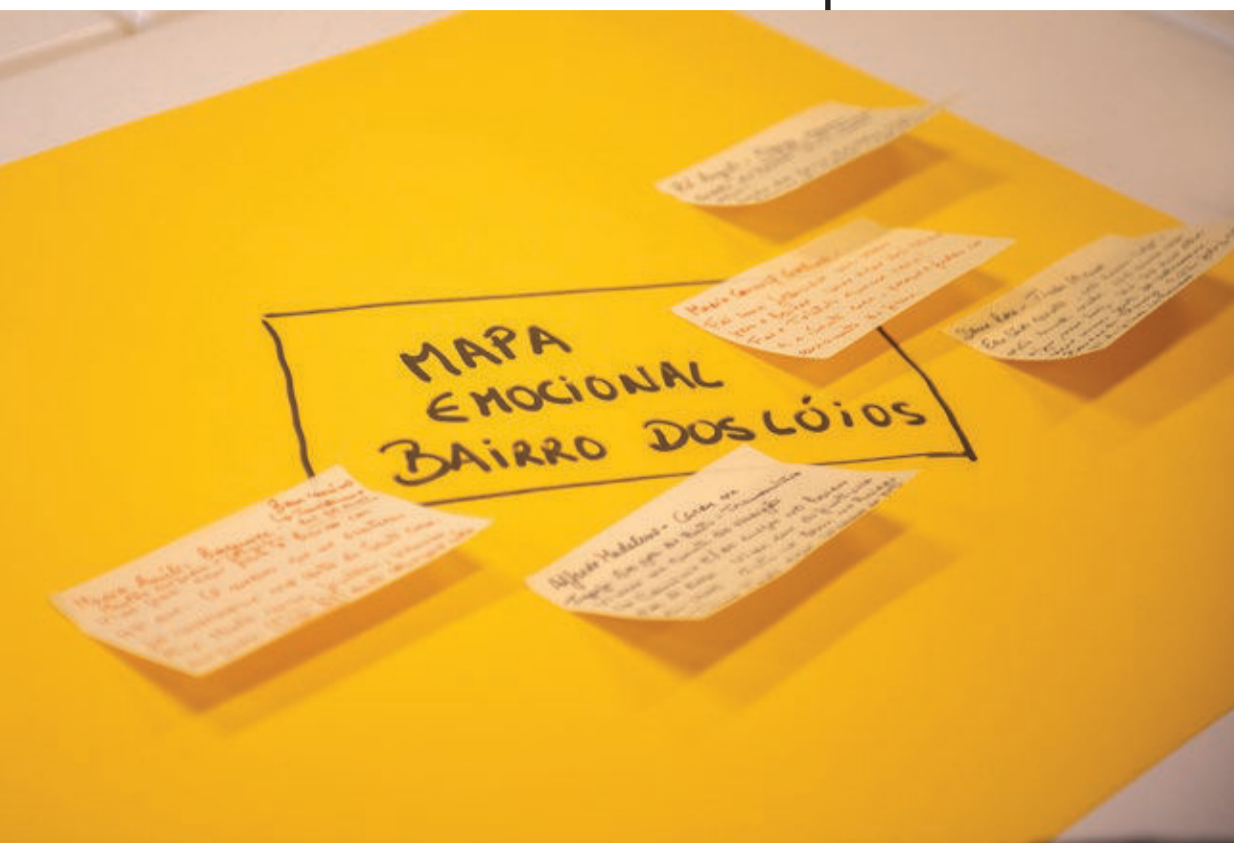
FEV 2026 ~ Número 1
Trimestral - Distribuição Gratuita



Luis Miguel e Maria Luísa, Largo do Chiado, Lisboa, 1976.

Coordenação editorial e direção artística LUÍS ROCHA · Coordenação do projecto TÂNIA ARAÚJO · Redacção jornalística ANA PINTO MARTINHO · Fotografia e texto PARTICIPANTES NO PROJECTO DIÁRIOS DE LISBOA · Edição de imagem LUÍS ROCHA · Paginação RUI GUERRA · Impressão GUIDE, ARTES GRÁFICAS · ISBN 978-989-35755-4-3 · Depósito legal 560897/26 · Tiragem: 200 exemplares © 2026, Movimento de Expressão Fotográfica · www.mef.pt | geral@mef.pt

Projeto de fotografia comunitária com seniores das freguesias de Marvila, Carnide e Misericórdia. Através de sessões de co-criação, promove o registo de memórias e a produção de diários visuais, reforçando vínculos sociais, identidade local e sentimento de pertença. Está integrado no Programa BIP/ZIP - Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. Entidades Parceiras: Biblioteca Camões; Biblioteca de Marvila; Bibliotecas de Lisboa; Caleidoscópio | ULisboa; Centro de Desenvolvimento Comunitário Bairro dos Lóios - SCML; Espassus 3G | JFCarnide; Grupo Excursionista VAI TU; Junta de Freguesia da Misericórdia; Junta de Freguesia de Carnide; Junta de Freguesia de Marvila; UITI - Universidade Internacional para a Terceira Idade; Universidade de Lisboa.



FOTOGRAFAR MEMÓRIAS

As memórias de Marvila já andam de mão em mão. No projeto Diários de Lisboa, a fotografia, pelas mãos seniores de Marvila transforma-se em mais do que um registo visual: ela assume-se como um lugar de memória. Cada imagem carrega um tempo vivido, um olhar moldado por décadas de experiências, transformações e afetos. Ao trabalharem fotograficamente a memória, os idosos revelam um território que vai além do que se vê hoje — mostram o que ali existiu, o que mudou e, sobretudo, o que permanece na lembrança.

Estas imagens fixam lugares afetivos que guardam histórias repetidas em silêncio. Ao unir imagem, emoção e sentimento, nascerá um mapa emocional, onde o espaço será atravessado pela memória e pelo afeto. Assim, a imagem vai tornar-se um gesto de partilha, capaz de dar visibilidade a um outro olhar sobre o bairro e de preservar vínculos invisíveis, mas profundamente vivos.

O processo de revelar tem um papel fundamental. Esperar que a imagem surja, pouco a pouco, é também um exercício de atenção e de escuta da memória. Revelar é dar tempo ao olhar, permitir que a lembrança se torne visível e ganhe forma. Nesse gesto cuidadoso, o fotograma deixa de ser apenas um objeto final e transforma-se num processo sensível, onde recordar, sentir e partilhar caminham juntos. As imagens estruturadas como fotogramas, representam objetos afetivos, portadores de memória, identidade e ligação emocional.

A apresentação do projeto recorre a objetos visuais através do visor direto, criando uma relação imediata entre o olhar, o objeto e a imagem. Este dispositivo funciona como mediador da experiência, orientando a atenção do observador e reforçando a dimensão física e sensorial do trabalho.

Os restantes trabalhos fotográficos inserem-se no conceito da memória, explorando a fotografia como fragmento, vestígio e construção do passado. As imagens não se limitam a registar momentos, mas ativam recordações, ausências e camadas de tempo, propondo uma reflexão sobre a forma como a memória se fixa, se transforma e se reinventa através do ato fotográfico.

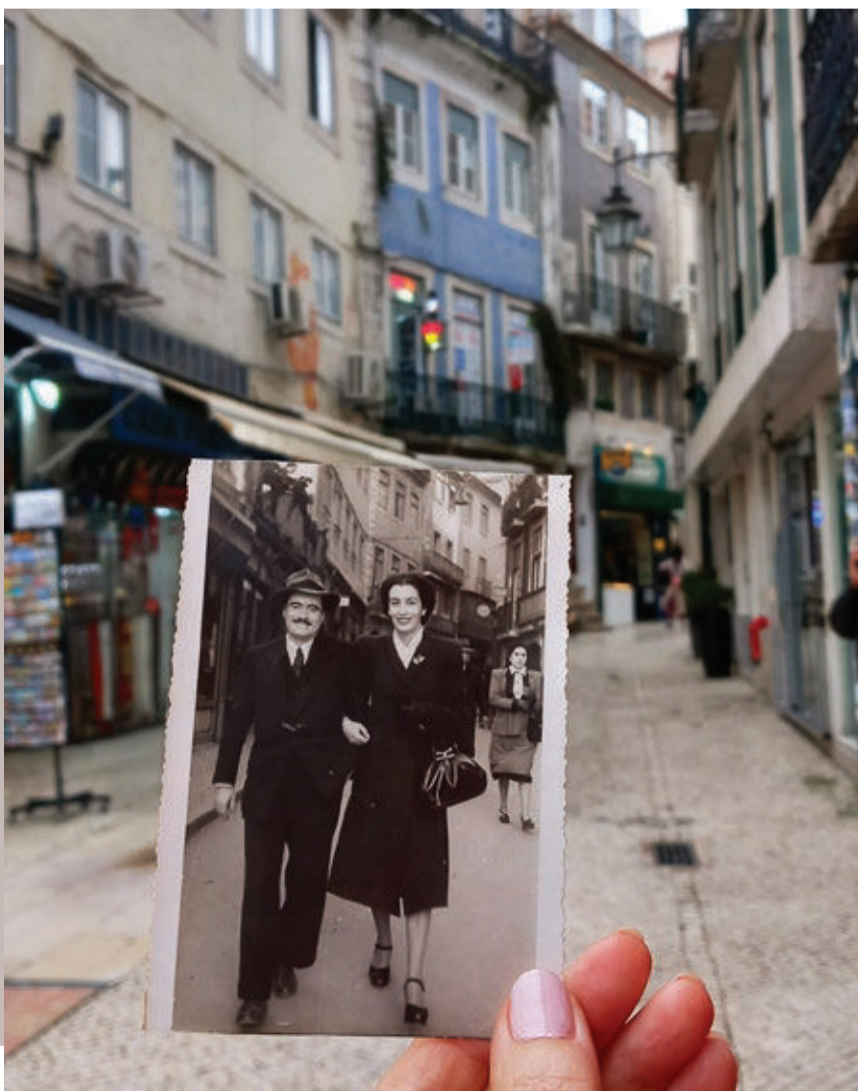
Ana Pinto Martinho



MEMÓRIA DA CIDADE

Memórias de uma vida, fazem-se de imagens como flashes de uma máquina fotográfica. Este trabalho foi uma viagem ao passado relembrando a família, pessoas, momentos, afetos, objetos, ambientes e acontecimentos tendo como pano de fundo Lisboa. Olhar Lisboa nas fotos é uma feliz lembrança, um passado tão perto do coração. Grata por poder ir ao fundo do baú das memórias e poder partilhá-las.

Ana Paula Sequeira



ANO 1949.

Victor e Maria Helena, os meus pais, passeavam alegremente pela Baixa de Lisboa.

O Amor que os unia é bem visível e patente na imagem e na leitura deste extrato de uma carta escrita pelo meu pai à minha mãe.

“Minha Maria Helena

Repetir que te amo é pouco é muito pouco, eu queria ser mais persuasivo...

Quero-te tanto, vivo tão ligado ao teu viver, que as tuas amarguras são para mim os meus martírios, que as tuas alegrias são para mim os meus prazeres, que a tua vida é para mim razão única da minha...

O teu, o eternamente

Victor”

Homenagem aos meus pais

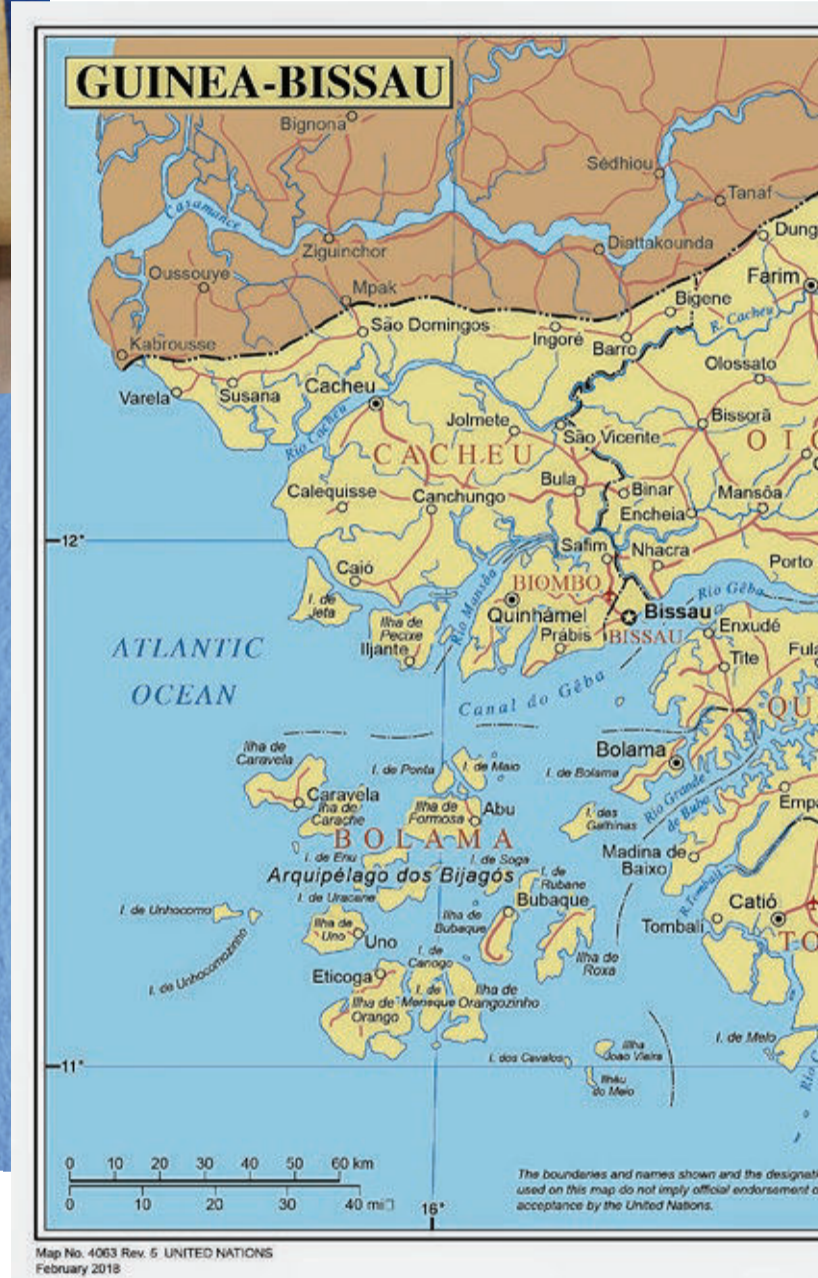
Laura Castro

TESTEMUNHOS NA PRIMEIRA PESSOA

JUVENTUDE ADIADA

Projetos adiados, sonhos desfeitos
na adversidade duma guerrilha forçada
que deixou cicatrizes no corpo e na alma
Porém,
A inclemência, a incerteza e a insegurança vividas
Fortaleceu e transformou
meninos soldados
em homens resilientes

Virgílio Ferreira





FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E COMUNIDADE: UM PROJETO QUE DÁ VOZ AOS SENIORES DE CARNIDE



A fotografia como forma de expressão, de memória e de participação ativa na comunidade está no centro do projeto, Diários de Lisboa, desenvolvido em Carnide com a população sénior, no âmbito dos programas BIP-ZIP. Para a Junta de Freguesia de Carnide, iniciativas como esta são mais do que atividades culturais: são ferramentas fundamentais de inclusão social, envelhecimento ativo e fortalecimento dos laços comunitários.

Segundo Gonçalo Ferreira, chefe da Divisão de Intervenção Local da Junta de Freguesia de Carnide, o envolvimento da comunidade tem sido sempre uma prioridade. “O que nós pretendemos é envolver as pessoas na participação local”, explica, sublinhando que estes projetos permitem que a cultura deixe de ser algo distante para passar a ser vivida e criada pelos próprios participantes.

Este projeto em particular marca também um regresso simbólico do MEF – associação com uma forte ligação histórica a Carnide – ao território onde nasceu, agora com um novo foco: os seniores. Pela primeira vez, os cursos de fotografia são direcionados a esta faixa etária, com resultados que têm surpreendido tanto os participantes z pessoas saem fascinadas quando veem as imagens que elas próprias captaram”, refere Gonçalo.

Mais do que aprender técnicas, os participantes são convidados a olhar para o território a partir do seu próprio ponto de vista. As fotografias revelam uma leitura única da freguesia, marcada pelas vivências, memórias e transformações acumuladas ao longo dos anos. “A visão que eles têm do espaço é completamente diferente da minha, e isso é incrível”, destaca.



A Junta de Freguesia aposta fortemente na divulgação dos resultados, através de exposições, publicações comunitárias e canais de comunicação digitais e físicos. Para este público, o papel continua a ter um valor especial. “O físico é muito importante. Imprimir, expor, ver numa parede faz toda a diferença”, sublinha Gonçalo, defendendo que esta materialização do trabalho é também uma forma de reconhecimento e valorização pessoal.

Inserido numa estratégia mais ampla de envelhecimento ativo, o projeto articula-se com outras iniciativas da freguesia,

como a Academia Sénior e o Espaço 3G – Três Gerações, promovendo o convívio, a aprendizagem contínua e a partilha entre diferentes idades. “Parar é morrer”, afirma Gonçalo, reforçando a importância de manter o corpo, a mente e as relações em movimento.

A fotografia surge, assim, como um poderoso instrumento de memória e identidade. Num tempo dominado pela imagem digital e efémera, regressar à fotografia impressa, partilhada e exposta é também recuperar o prazer de contar histórias e de ocupar um lugar ativo na comunidade. Em Carnide, estas imagens não são apenas registos: são vozes que ganham visibilidade.

Ana Pinto Martinho



O LUGAR DE MEMÓRIA DE GONÇALO FERREIRA

Se tivesse de escolher um lugar de memória em Carnide, Gonçalo Ferreira não hesita: o Teatro de Carnide. Foi ali que teve o primeiro contacto com o teatro, através das marchas populares, muito antes de imaginar que viria a ser ator e, mais tarde, trabalhar na Junta de Freguesia. Mais do que o palco, são os bastidores — e, em especial, o antigo bar do teatro — que guardam as memórias mais marcantes: o convívio antes dos ensaios, as conversas, os encontros. “Foi ali que aprendi muito enquanto pessoa”, recorda. Para Gonçalo, o Teatro de Carnide não é apenas um edifício, é um espaço de crescimento, partilha e pertença.

ENTRE A IMAGEM E A PALAVRA



**"a fé e o amor
é o que nos salva"**
Maria Conceição Godinho



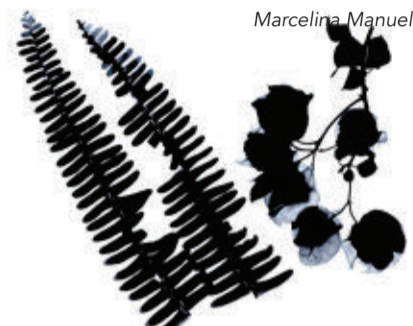
**"A luz do caminho que
nos conduz à vida!"**
Conceição Rosa



"o fado faz lembrar o passado, o presente e o futuro"
Alfredo Madaleno



"fico feliz quando vejo as flores"
Marcelina Manuel



"sou uma nova Francisca! O verniz ajuda-me a ter uma apresentação boa e faz com que os outros se sintam bem perto de mim"
Maria Francisca Rocha



"saudades antigas"
Zé Augusto

"recordar é viver, quem espera sempre alcança"
Amélia Borgueira



"sair de casa, fecho a porta, não sei se volto a entrar"
Maria Rosa Martins



"gosto da natureza, faz-me sentir jovem"
António Martins



Muitas das minhas memórias de Lisboa, especialmente das três primeiras décadas da minha vida — anos 60, 70 e 80 — estão intimamente ligadas às carreiras de autocarros.

Foi num desses autocarros que fiz o caminho até ao meu primeiro filme, no cinema-teatro Eden: Adeus, Sapata. Ficou-me a memória do filme, mas também a da fachada do cinema, de um estilo tão surpreendente para quem vinha da periferia.

Recordo ainda os impressionantes autocarros de dois andares, que ofereciam uma vista privilegiada sobre as Avenidas, com a porta aberta na traseira, permitindo aos mais audaciosos entrar e sair em andamento.

Outras memórias dessas décadas — sempre associadas a essas carreiras — remetem para o período da Revolução, com o seu posto de comando instalado na origem de uma das "minhas" linhas, ou para a introdução dos famosos autocarros laranja, em 1975, contrastando com o verde herdado de outros tempos, em pleno período revolucionário.

João Amado



Maria Adelaide e António José, 13/12/1964. Um amor que dura até hoje e que me viu nascer, no mesmo dia, um ano depois.

Elsa Rebocho

MANIFESTO

O projecto Diários de Lisboa nasce da nossa convicção de que a imagem é simultaneamente um espelho da memória e um veículo para a construção de momentos partilhados. Mais do que um projecto de fotografia comunitária, assume-se como um laboratório de memória viva, onde a cidade se revela através dos olhares, das histórias e das lembranças de quem a habita, convergindo imagem e palavra numa narrativa colectiva.

Lisboa, cidade de múltiplos olhares, encontra no Diários de Lisboa um espelho afectivo: um espaço onde cada participante, a partir da sua história pessoal, contribui para um diário visual que ultrapassa o registo documental e se afirma como expressão de pertença, identidade e património cultural. O projecto configura-se, assim, como um exercício de democratização da imagem, utilizando a fotografia como ferramenta de escuta activa, de expressão individual e de construção de laços sociais nas freguesias da Misericórdia, de Carnide e de Marvila.

Fundamentado em propostas artísticas participativas, que reúnem seniores de diferentes pontos da cidade e fotógrafos voluntários, o Diários de Lisboa concretiza a co-criação como princípio estruturante: cada sessão é um encontro, uma descoberta e uma construção conjunta de imagens que celebram vivências, memórias e paisagens do quotidiano lisboeta.

Esta proposta alarga a sua ambição para além do olhar individual, tornando visíveis as conexões entre territórios e pessoas, promovendo a inclusão social, o envelhecimento activo e o reforço do sentimento de comunidade. Através das suas várias componentes (exposições públicas, publicações, jornal comunitário, arquivo visual online, baralho de cartas pedagógico e, de forma estruturante, o livro de processo que documenta o percurso colectivo), Diários de Lisboa fomenta o diálogo intergeracional e territorial e contribui para a construção de uma memória urbana partilhada.

Neste momento do projecto, coincidente com a edição do primeiro número do jornal, o desenvolvimento prático das actividades evidenciou a necessidade de uma adaptação contínua às diferentes realidades socioculturais dos grupos envolvidos. Este ajustamento metodológico transformou desafios em oportunidades de aprofundamento pedagógico e criativo, dando origem a acções complementares, que tornaram mais sensorial e tangível o acto de registar e interpretar a cidade.

Este projecto afirma que a cidade – as suas memórias, as suas pessoas, os seus ritmos – não se fixa apenas com objectividade, mas constrói-se com afecto, atenção e partilha. O projecto Diários de Lisboa é, em última instância, um exercício de escuta e de reconhecimento mútuo, que convida a transformar cada olhar em relato e cada relato em imagem, construindo de forma colectiva a memória de Lisboa.

Movimento de Expressão Fotográfica